



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no
lançamento oficial do Projeto Modelo de Assentamento Agroflorestal
Rio Branco – AC, 21 de janeiro de 2006**

Meu querido companheiro Jorge Viana, governador do estado do Acre,
Meu querido companheiro Palocci, ministro da Fazenda,
Meu companheiro de Garanhuns, me espera aí que eu vou lhe dar um
abraço, tenha paciência.

Meu caro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,
Minha querida companheira Marina, ministra do Meio Ambiente,
Meu querido Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,
Meu caro e querido Samuel Pinheiro Guimarães, nosso Secretário-Geral
do ministério das Relações Exteriores,

Meu caro Raimundo Angelim, prefeito de Rio Branco,
Meu caro Celso Ribeiro, prefeito de Senador Guimard,
Meu querido companheiro, muito companheiro, que está comendo o pão
que o diabo amassou lá no Congresso Nacional, Tião Viana, mas que não
perde a calma,

Meu querido companheiro Sival Machado, companheiro que é uma
surpresa agradabilíssima para nós, porque ele assumiu no lugar da
companheira Marina e tem feito do seu mandato um orgulho para o povo do
Acre,

Minha querida Perpétua Almeida,

Meu querido Nilson Mourão,

Meu querido Júnior Betão,

Meu querido Sérgio, que eu encontrei em 1993 no projeto Reça quase
na divisa entre Acre e Rondônia, que eu fui conhecer pela primeira vez esse
projeto,



Meu querido Raimundo Macedo, presidente da Cooperativa Bom Destino,

Meu caro Lourival Ferreira, presidente da Associação dos Seringueiros,
Minha querida Antonia Miranda, membro do Conselho Deliberativo da Nova Bonão,

Meu caro Michel Abraão, prefeito de Bujari,

Senhor Rui Coelho, prefeito de Porto Acre,

Meu caro senhor Paulo, prefeito de Plácido de Castro,

Joais dos Santos, prefeito de Capixaba,

Tião Bocalon, prefeito de Acrelândia,

Meus queridos companheiros deputados estaduais, vereadores,
moradores do Assentamento Nova Bonão,

Meus amigos e minhas amigas,

Meus companheiros e minhas companheiras,

A vantagem de ter um pernambucano de Garanhuns na frente da gente, quando a gente está falando, é porque eu fico com a convicção de que a presença de Pernambuco no Acre já cresceu 100%. Eu achava que era só eu, agora tem você aí, já cresceu em 100%.

Mas eu estou vendo muita gente jovem, estou vendo muita gente do meu tempo, então eu queria dizer para vocês que um dia, por volta das seis horas da tarde, em 1979, eu estava como presidente do sindicato dos metalúrgicos do ABC. Já tinha muita confusão se íamos criar ou não um partido e, de repente, a minha secretária me comunica o seguinte: “Lula, tem duas pessoas aí que querem conversar com você sobre o partido que você está criando”.

Eu, na época, pensei que era a Polícia Federal, porque a Polícia Federal ainda estava meio ressabiada naquele tempo e o sindicato tinha menos liberdade do que tem hoje. Eu fiquei preocupado e falei para minha secretária: Olhe, manda as duas pessoas esperarem que eu não posso conversar sobre



partido dentro do sindicato, eu vou esperar terminar o meu expediente, que era às oito horas, aí nós vamos ao Bar do Gordo, que era um bar que tinha perto do sindicato e lá eu conversei com os dois. Aí desci até o Bar do Gordo e qual não é a minha surpresa que esses dois companheiros do Acre que eu tinha desconfiança, depois se tornaram dois amigos. Um enveredou por um caminho e outro pelo outro. Um deles era o companheiro Chico Mendes e o outro era o companheiro João Maia.

Eu conversei com eles e eles me disseram da vontade que tinham de criar um partido aqui no Acre. Eu jamais, eu não tinha nem noção de onde era o Acre, nem noção. Aí, eu dei um pouquinho de ficha para eles. Eles vieram para cá e criaram um partido aqui, que teve a primeira surpresa de eleger o Jorge Viana prefeito de Rio Branco, depois teve a felicidade de elegê-lo para governador, de reelegê-lo, elegeu o Angelim para prefeito agora, e já elegeu um monte de prefeitos pelo estado inteiro, alianças com outros Partidos, ou seja... Aquela conversa em um botequim, que começou em 1979, no final das contas resultou na transformação do estado do Acre. Resultou na transformação de um estado em que eu tenho um orgulho profundo, porque só tem dois estados no Brasil em que eu sinto que o povo tem muito orgulho, porque o povo, meu caro Samuel, neste estado, aprendeu a cantar o Hino do estado com orgulho de poucos.

Ontem à noite eu dei uma volta com o Jorge, no carro, pelas ruas de Rio Branco. E eu que vim aqui pela primeira vez em 1979, a transformação que o Acre sofreu nesses 25 anos, é quase que uma revolução. E certamente, se a gente não tivesse perdido duas vezes as eleições de Rio Branco, estaria muito melhor ainda a cidade de Rio Branco. Certamente que estaria melhor. De qualquer forma, Deus escreve certo por linhas tortas, era preciso de vez em quando a gente perder para poder a gente saber, e o povo descobrir, que a gente era melhor do que os que vieram depois de nós. Essa sabedoria, Deus sabe manejá-la com a magnitude que os mortais, como nós, não vão conseguir nunca manejar.



A segunda coisa é que a minha história com este estado é uma história marcada por momentos delicados. Uma vez eu estava em São Paulo e recebo um telefonema, dizendo que tinham matado o companheiro Wilson Pinheiro de Souza, lá na cidade de Brasília. Eu, então, saí de São Paulo e vim para cá, e fomos fazer um ato... O Raimundão estava comigo – não tinha essa costeleta invocada, nem esse bigode invocado – o Raimundão foi comigo, outros companheiros, Jorge, Marini e tantos outros, chegamos em Brasília e estava um clima de guerra. Bem, e me deram um discurso para fazer lá, pediram para eu falar. Eu fiz um discurso, e no discurso que eu fiz em Brasília eu disse que estava chegando a hora de a onça beber água, que a gente estava cansado de visitar estados para visitar corpos de companheiros que tinham sido assassinados e que, portanto, estava chegando a hora de a onça beber água.

Bem, falei aquilo, pegamos um carro de volta – naquele tempo a estrada era de poeira – pegamos a estrada, viemos embora para Rio Branco, fui embora para São Paulo, mas no dia seguinte àquele ato, os trabalhadores mataram um fazendeiro. E aí a polícia da época entendeu que a minha frase “está chegando a hora de a onça beber água” tinha sido a orientação para que os trabalhadores matassem o fazendeiro. Bem, eu fui processado, Chico Mendes foi processado e eu fui condenado a três anos e meio de cadeia naquela época. Mas depois nós recorremos no Superior Tribunal Militar e eu fui absolvido e vim para cá outra vez, com outra confusão, na morte do Chico Mendes.

Mas hoje eu vim por outra coisa. Hoje eu vim para participar alguns minutos da alegria contagiante do meu companheiro Jorge Viana, dos meus companheiros Tião e Sibá, da minha companheira Marina, do Angelim, da companheira Chiquinha, porque este assentamento aqui não é mais um assentamento. Este aqui vai ser um exemplo fotografado historicamente para que a gente mostre ao mundo que a nossa reforma agrária não é dar um pedaço de terra e esquecer o trabalhador jogado no meio do mato, não. A nossa reforma agrária tem a terra, mas tem a sustentabilidade do financiamento, da assistência



técnica, da energia elétrica, da combinação entre a produção e a industrialização para que as pessoas possam cumprir todo o ciclo produtivo e que a gente possa gerar empregos para os mais velhos e também para os nossos filhos, que precisam de trabalho e, por isso, a fábrica é muito importante.

Eu não sei se vocês perceberam, aqui foi assinado dinheiro de mais de R\$ 300 milhões e cada ligação de energia que nós fazemos aqui – isso é importante que os companheiros da imprensa registrem – cada ligação que nós fizemos aqui está custando mais de 3 mil e 600 reais a ligação, e é financiada pelo governo e o povo não paga nada, não paga absolutamente nada. Porque se fôssemos pensar em retorno financeiro para o governo, não faríamos. Porque para levar uma luz elétrica no campo, às vezes eram quilômetros e quilômetros de poste para chegar em uma casa. Mas o papel do Estado não é ter lucro. O papel do Estado é garantir que nenhum brasileiro ou brasileira viva na escuridão, viva na treva, ou deixe de ter acesso às tecnologias modernas por causa de falta de energia elétrica. O nosso compromisso é de garantir que os 12 milhões de brasileiros que não têm energia elétrica, vão ter energia elétrica e não vão pagar. Nós vamos assumir a construção dessa rede de benefícios para o povo. E fora esses dois anos, porque começou no final de 2003, nós já atendemos, companheiro Palocci, mais de 450 mil famílias, o que dá quase dois milhões e meio de pessoas atendidas. E a gente sabe o benefício. Chegou a energia elétrica, tem logo um “radinho” para vocês ouvirem as pessoas falando mal do Presidente. Aí logo vem uma “geladeirinha”, logo vem uma “televisãozinha”, logo vem... Aí logo, logo alguém monta uma casa de farinha para moer a farinha, aí outra vai fazer polpa do açaí, vai fazer um monte de coisas, e de repente, aquela pessoa que estava nas trevas, aquelas pessoas começam a falar “eu agora sou cidadã, sou cidadão. Eu não preciso ficar embaixo da luz de um candeeiro”, porque se tiver dinheiro, ele deve ter um candeeiro bom, se não tiver, é aquele pavio molhado no querosene que solta mais fedor do que qualquer coisa. É poronga, não é isso? É isso.



Então eu não poderia estar mais feliz do que estar aqui hoje, sabendo que 10 mil hectares, que esta fazenda vai ser transformada no ganha-pão de centenas de pessoas que aqui vão trabalhar, mas de milhares de pessoas que estão em outra cidade, que estão em Rio Branco, e que vão receber os produtos produzidos aqui.

Olhe, meu companheiro Jorge, eu já tive a alegria hoje de inaugurar a primeira ponte entre o Brasil e o Peru. Já tinha tido, há um ano, a felicidade de inaugurar a primeira ponte entre Brasil e Bolívia. E, agora, venho aqui inaugurar uma ponte entre a miséria e a cidadania. Uma ponte que constrói o direito de mulheres e homens de andar de cabeça erguida; uma ponte que constrói o direito de as pessoas saberem que vão poder estudar melhor; uma ponte que constrói o direito de vocês terem garantido um preço mínimo pelas coisas que vocês produzem; uma ponte que garante a vocês tirar da terra, industrializar, colocar valor agregado e ganhar um pouco mais de dinheiro no mercado.

Então eu não poderia, Jorge, deixar de estar feliz no dia de hoje. Eu, se tivesse tempo, eu ia dar uma surra na Marina ali para cortar uma seringa, para ela ver como eu sei cortar uma seringa. Eu não posso competir porque se eu perco, vão dizer que eu perdi para uma mulher, se eu ganho vão dizer que eu ganhei de uma mulher, então eu não vou competir, mas que certamente eu sou melhor do que ela eu sou para mexer no seringal, muito melhor.

Eu, Jorge, quero agradecer a você, à Chiquinha, ao Raimundo, ao Angelim, a todos vocês, esse abaixo assinado e esse....eu quero Jorge, agradecer a você, à Chiquinha, ao Raimundo, ao Angelim e a todos que assinaram esse documento pedindo que eu me candidate outra vez. Eu quero dizer uma coisa para vocês: ao longo da minha vida, eu fui descobrindo que Deus foi muito generoso comigo. Ao longo da minha vida eu fui aprendendo que Deus foi extremamente generoso comigo. Primeiro, nascer em Pernambuco, filho de sertanejo pobre e não morrer de fome antes de completar cinco anos, já foi um milagre.



Depois, uma mãe sair de Pernambuco com oito filhos agarrados no “rabo da saia”, ir para São Paulo e todos eles aprenderem uma profissão e virarem cidadãos e nenhum bandido, já é o segundo milagre. O terceiro, me dar o direito de aprender uma profissão, por conta dessa profissão ir para um sindicato importante, virar... eu jamais tinha pensado em ser presidente do sindicato, virei presidente de um sindicato muito importante, depois o deputado federal mais votado da história do Brasil e depois presidente da República.

Eu não teria que pleitear mais absolutamente nada, eu sou um cidadão que olho todo santo dia para o meu passado, para ter dimensão do que aconteceu comigo e hoje eu tenho consciência do que é possível fazer por este país, muita consciência. Eu digo sempre o seguinte: eu não vejo a hora de chegar o dia 31 de dezembro, vai ter que ser um pouco antes de 2006, porque eu quero fazer... não para ficar dizendo que o melhor ou o pior, mas gostaria de fazer uma comparação do que aconteceu no Brasil com o Lula presidente e o que aconteceu no Brasil com todos os outros presidentes que vieram antes de mim.

Vão ter alguns melhores, outros piores, mas é importante que a sociedade saiba o que aconteceu, porque nós estamos provando que é possível fazer as coisas. Têm certas dificuldades, tem. Mas a verdade é que é possível fazer muita e muita coisa, sobretudo vocês da agricultura familiar, pequenos agricultores, seringueiros, sabem que nós fizemos muita coisa, muita coisa.

Antes de nós, o dinheiro do Banco do Brasil chegava aqui para meia dúzia de pessoas no Pronaf, para meia dúzia. Hoje... através do Banco do Nordeste, hoje, esse estado aqui... tem quantas pessoas recebendo dinheiro do Pronaf Rossetto? Eram mil contratos em 2002, hoje tem 14 mil contratos. Eram poucos de 5 mil reais, hoje, são quase 60 mil reais só de financiamento para o pequeno agricultor. Isso é uma coisa extraordinária, porque quando o agricultor consegue ter direito ao banco para pegar o financiamento, ele não vai ficar pedindo esmola para ninguém.



Mas Jorge, era preciso dizer aqui para você, não é apenas isso que me dá orgulho, me dá orgulho poder olhar na cara dessas crianças e dizer o seguinte: este país quebrou três vezes antes de nós assumirmos. Este país teve que correr pedindo ao FMI 30 bilhões de reais para não quebrar. Nós não fizemos nenhuma bravata, não xingamos ninguém, ficamos trabalhando. Quando foi na semana passada, nós dissemos ao FMI: não precisamos mais do seu dinheiro porque somos donos (inaudível). Hoje, este país é mais independente; hoje, este país é mais soberano; hoje, este país pode tomar decisões sem precisar consultar ninguém; hoje, este país é um pouco mais livre e é igual vocês que estão nesse projeto Bonal. Vocês são um pouco mais livres do que eram antes, e um pouco mais de possibilidade do que vocês tinham antes. E eu quero fazer essas comparações para a gente perceber o que aconteceu no nosso país, do ponto de vista da educação, da saúde, mas sobretudo da geração de empregos. Eu sei que eu não tenho o direito de ficar zangado com críticas, porque o presidente da República não pode ficar zangado com nada, gente. Vocês podem falar o que vocês quiserem que eu não fico zangado. É quase que uma ordem de Deus assim: “Presidente, não fique nervoso nunca. Não perca nunca a paciência”.

Por isso, companheiro Jorge, eu fico sensibilizado com este manifesto, não tenho pressa de decidir a minha vida, se vou ser ou se não vou ser, acho que os adversários querem que eu defina logo que sou candidato, porque aí eles querem me proibir de viajar o Brasil como eu estou viajando. Porque se depender deles, eles querem que eu fique sentado na minha mesa o dia inteiro e não saia para ter contato com o povo. E como eu nasci no meio de vocês, eu só tenho garantia se estiver no meio de vocês.

É por isso que de vez em quando eu vejo algumas pessoas nervosas, mas eu quero te dizer, Jorginho, de coração: eu, na hora em que tiver que decidir o meu destino junto com o meu Partido, com o Sindicato, com a sociedade, certamente o pessoal do Acre vai participar. Por enquanto eu quero dizer a vocês: não está na minha cabeça, na ordem do dia da minha cabeça,



eleição. O Partido só vai poder fazer a Convenção em junho, oficial, então até junho os meus adversários vão ficar zangados, mas eu não estou candidato. Até junho eu sou o presidente da República para governar este país e inaugurar as coisas que nós temos que inaugurar.

Por isso, meu querido Jorge Viana, Jorginho, que eu chamo ele na intimidade de Jorginho. O Jorge que é, para mim, tem idade de ser meu filho, eu tenho por ele um carinho todo especial, acho que vocês têm um carinho por ele ainda maior do que o que eu tenho. Eu não tenho dúvida nenhuma de que o Acre... e que tem pessoas extraordinárias para ocupar o teu lugar. Eu estou vendo aqui, só nesta roda aqui, alguns que... eu não vou citar nome de ninguém. Mas eu só quero te dizer o seguinte, Jorginho, a hora em que você deixar isso aqui, pode ficar certo de que o que você fez pelo Acre nesses sete anos, vai precisar muita competência para fazer em 30, o que você fez em sete.

Por isso, meus agradecimentos, companheiro Jorge, meus agradecimentos, mulheres e homens do meu querido estado do Acre.

Um grande beijo, um abraço e boa sorte para todos vocês.